



# CULTURA POPULAR NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA<sup>1</sup>

Cátia Pereira Duarte<sup>2</sup>

Marcela Cristina Marcelino da Silva<sup>3</sup>

## RESUMO

*A constatação da superficialidade da abordagem sobre a cultura popular nas aulas de Educação Física sinaliza lacunas que os professores devem analisar, problematizar e ampliar, para abordar questões étnico-raciais. Com o objetivo de sistematizar aulas sobre o tema na educação básica, por meio de revisão bibliográfica e documental das danças afrodescendentes do acervo do Grupo Macauã Folclore, professores, graduandos e artistas de Juiz de Fora, organizaram este material.*  
PALAVRAS-CHAVE: *Cultura popular; Corpo; Educação Física.*

## 1 INTRODUÇÃO

Este estudo parte das discussões étnico-raciais realizadas no Grupo de Estudo e Pesquisa Práticas Escolares e Educação Física do Colégio de Aplicação João XXIII da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Pesquisadores e educadores que se interessam pela melhoria das condições sociais e culturais do ser humano têm demonstrado uma grande preocupação com relação ao papel da Educação no sistema de ensino, especificamente no tocante à reprodução ou manutenção das desigualdades sociais tão frisadas nas leis 9.394/96, 11.645/08 e 10.436/02.

Para além da questão social, a questão étnico-racial na escola colabora com o que se entende por gênero, classe, raça, etnia, identidade, para que os diferentes grupos sociais convivam com respeito sem qualquer tipo de discriminação. Historicamente, o Brasil silenciou muitas vozes por não incentivar formação de professores, não oferecer materiais didáticos que representassem todos os grupos, não permitir atividades extraclasses que discutissem a relação entre as diferentes culturas.

Segundo Santos (2013), um processo educativo que objetive a formação integral do estudante, precisa respeitar o educando, ensinando-o a valorizar sua identidade, sem diferenciá-lo com olhares ou modos de avaliações. Os xingamentos às crianças brancas, negras e indígenas em diversas regiões, dependendo das características

1 O presente estudo contou com apoio financeiro da FAPEMIG para sua realização.

2 Membro do Grupo de Pesquisa Práticas Escolares e Educação Física/ UFJF. Colégio de Aplicação João XXIII (UFJF), [catia.duarte@ufjf.edu.br](mailto:catia.duarte@ufjf.edu.br)

3 Membro do Grupo de Pesquisa Práticas Escolares e Educação Física/ UFJF. Colégio de Aplicação João XXIII (UFJF), [marcms19@gmail.com](mailto:marcms19@gmail.com)

dos grupos, revela uma mistura de medo, dor e impotência. Mas como resgatar o legado cultural para sistematizar problematizações étnico-raciais nas aulas de Educação Física?

Com o objetivo de sistematizar aulas sobre tais problematizações na educação básica, estas pesquisadoras trazem um recorte de uma pesquisa realizada desde 2010 em Juiz de Fora.

## 2 METODOLOGIA

Por meio de revisão bibliográfica e documental (GIL, 2008) de cinco danças afrodescendentes do acervo do Grupo Macauã Folclore, organizou-se planos de aula com questões sobre meio ambiente, corpo e cultura do homem em diferentes classes sociais, para alunos do 1º segmento do Ensino Fundamental.

A partir das experiências do cotidiano escolar de professoras que lidam com o primeiro segmento do ensino fundamental da rede pública de ensino, das particularidades do estágio da Prática I dos alunos da UFJF, das necessidades de pesquisa trazidas pelos alunos do Ensino Médio e das demandas artísticas do Grupo folclórico, primeiramente, pensou-se em unificar o ensino, a pesquisa e a extensão em uma proposta que realizasse a formação inicial e continuada de todos os envolvidos.

Organizou-se uma reunião com todos os sujeitos, onde se definiu o estudo que seria realizado, bem como e quando se faria a revisão bibliográfica e documental de cunho qualitativo do material já existente e do que ainda seria construído. Em um segundo momento, fez-se a escolha das danças que representariam os temas que desejávamos discutir nas aulas. Em um terceiro momento, sinalizou-se quem prepararia os planos de aula, as práticas junto aos alunos, as gravações, a tradução da obra em Libras, o CD livro e a distribuição do material nas escolas públicas.

## 3 DESCRIÇÕES

A obra completa traz uma fundamentação teórica, quarenta e cinco planos de aula e um CD livro com passos metodológicos que exemplificam o que a teoria acabara de se comentar. Destes, este trabalho é sobre cinco aulas de dança afrodescendentes (descritas sinteticamente abaixo):

Ritmos africanos para o 1º ano: conversaríamos com os alunos: O que se comemora na dança africana? Contaríamos a origem destes ritmos e sugeríamos movimentos de espelho com e sem giro, batuque de um ou dois lados, movimento da água etc. Retomaríamos as discussões tentando identificar os objetivos da dança, buscando valorizar os movimentos que o corpo pode representar da natureza. Para Barbosa e Drummond (1994), a preocupação ambiental atingiu, de forma diferenciada, quase todos os segmentos sociais, independentemente do nível de desenvolvimento econômico e social e de influência política e cultural.

Batuque paulista e a rebita para o 2º ano: conversaremos com os alunos: Como nós nos comportamos para comer? Dormir? Dançar? Contar a história do batuque paulista, vivenciar a dança, identificando os movimentos corporais básicos trabalhados no batuque, bem como seus significados do início do século

até o momento vigente. Usaremos músicas instrumentais de candomblé. Depois explicaríamos a rebita que é uma dança erudita de casamento, refletindo sobre as dimensões da corporeidade nos dois universos distintos que vieram com os negros da África. Segundo Gomes (2003), a cultura determina as posições a serem adotadas pelo corpo nas diferentes situações do dia a dia. Essas posturas e posições são aprendidas socialmente, por isso, a educação é o meio pelo qual o homem aprende a se expressar e transmitir significados.

Jongo para o 3º ano: conversaremos com os alunos: Como costumamos tratar nossos amigos que são diferentes físico-psicologicamente? Como podemos incluí-los nas nossas danças? Eles têm oportunidade de criação nas danças escolares? Contaremos a história do jongo que provavelmente tenha um passo básico criado por um negro com problemas no tendão de Aquiles. Por fim, conversaremos com os alunos sobre a importância do respeito às diferenças corporais e religiosas. Segundo Sasaki (2003) defender a igualdade entre as pessoas com deficiência e as demais em termos de direitos e dignidade, exige a equiparação de oportunidades.

Mineiro pau para o 4º ano: conversaremos com os alunos: Como podemos reutilizar o lixo? Depois, decoraremos cabos de vassoura, pediremos para os alunos produzirem sons a partir do objeto construído. Contaremos a história do Mineiro pau, vivenciaremos a dança em diferentes formações e relacionaremos os passos com as interpretações sociais das relações entre homens e mulheres. Segundo Demajorovic (1995), há consenso de que as políticas de gestão de resíduos deve atuar de forma a garantir que os resíduos sejam produzidos em menor quantidade em um sistema circular..

Maculelê para o 5º ano: conversaremos com os alunos: Como compreendemos a morte? Que materiais foram utilizados pelo homem na tentativa de expressar seus sentimentos de resistência? Depois, contaremos as versões do maculelê, vivenciando a dança dispersos pelo espaço. Segundo Alexandre (2009), há culturas em que se festeja a morte e que o luto assume outra conotação, onde não se evidencia apenas o sentimento de perda, mas, principalmente, o de passagem. Para esses povos não se trata de uma violação de conduta ou de uma profanação, mas simplesmente uma forma de honrar ao parente ou conhecido que foi chamado para voltar ao reino de Orum.

Para real democracia e emancipação das pessoas, a formação básica deve fortalecer suas identidades no sentido de que todos respeitem as diferenças e se aproximem pelas semelhanças. Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação física escolar, pois as culturas negadas ou silenciadas precisam ser corretamente refletidas em cada movimento corporal de nossa cultura.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este estudo conseguiu, por meio das danças, contemplar os objetivos propostos, concretizando a sistematização da cultura popular em um CD livro distribuído para escolas públicas de Juiz de Fora.

O âmbito da educação formal deve oferecer condições de acesso de todos ao conhecimento, atingindo o processo educativo da formação humana, que ocorre em todas as dimensões da vida. Neste meio estamos passíveis de confrontos entre

diferentes experiências sociais, econômicas e históricas que proporcionam aos sujeitos diferentes visões de mundo, que devem nos auxiliar na compreensão e naturalização das diferenças.

Por falta de formação inicial e continuada, muitos professores têm dificuldade de transformar a cultura popular em conhecimentos científicos junto aos seus alunos. Contudo, a partir de diversas pesquisas, sinalizou-se um espaço de possibilidades para trabalhar a cultura afrodescendente e suas questões étnico-raciais nas aulas de Educação Física, remodelando currículos que devem ser territórios de disputa (ARROYO, 2011), em que os novos sujeitos sociais construam a pedagogia corporal que dê voz a sua cultura.

Ao término do trabalho, os participantes da pesquisa descreveram como atuaram nas diferentes frentes, comentando que será preciso organizar um curso de extensão para atender aos pedidos dos professores da rede particular.

Conclui-se o ensaio, certos de que ainda há muito a fazer no que se refere ao estudo da cultura brasileira e que o trabalho valorizou a discussão da cultura popular no currículo escolar, bem como instigou a todos a resgatar o conceito de ensino-pesquisa e extensão na universidade pública.

## **LA CULTURA POPULAR EM LAS CLASES DE EDUCACIÓN FÍSICA**

*RESUMEN: El hallazgo de la superficialidad de un abordaje en la cultura popular en Educación Física indica lagunas que los maestros deben analizar, discutir y ampliar para abordar las cuestiones étnicas y raciales. Con el fin de sistematizar las clases sobre el tema en la educación básica, a través de revisión de la bibliografía y documentación de las danzas de ascendencia africana de los activos del Grupo de Folklore Macauã, profesores, estudiantes graduados y artistas en Juiz de Fora, organizaron este material.*

*PALABRAS CLAVE: Cultura popular; Cuerpo; Educación física.*

## **POPULAR CULTURE IN PHYSICAL EDUCATION CLASSES**

*ABSTRACT: The observation of the superficiality of the approach about popular culture in Physical Education classes signs gaps that teachers must analyze, problematize and expand to address ethnic-racial issues. With the objective of systematizing classes about the subject in basic education, through a bibliographical and documentary revision of the Afro-descendant dances of the Macauã Folklore Group, teachers, graduates and artists from Juiz de Fora organized this material.*

*KEYWORDS: Popular culture; Body; Physical education.*

## **REFERÊNCIAS**

ALEXANDRE, M. A. Formas de representação do corpo negro em performance. **Revista Repertório: Teatro e Dança**, Salvador, v. 12, n. 12, p. 104-114, 2009.

BARBOSA, L. N. de H.; DROMOND, J. A. Os direitos da natureza numa sociedade relacional: reflexões sobre uma nova ética ambiental. **Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro**, v. 7, n. 14, p. 265-289, 1994

BRASIL. Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 23 de dez. 1996. Seção 1, p. 1-9.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 de abr. 2002. Seção 1, p. 1.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, Art. 1º O art. 26, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, 11 de mar. 2008. Seção 1, p. 1.

DEMAJOROVIC, J. Da política tradicional de tratamento do lixo à política de gestão de resíduos sólidos: as novas prioridades. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 88-93, mai/jun 1995.

DUBET, François. **Sociologie de l'expérience**. Paris: Seuil, 1994.

GARCÍA CANCLINI, N. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Mexico: Editorial Grijalbo S. A., 1990.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIROUX, H. A.; MCLAREN, P. Formação do professor como uma contra-esfera pública: a pedagogia radical como uma forma de política cultural. In: MOREIRA, A. F.; SILVA, T. T. **Currículo, cultura e sociedade**. São Paulo: Cortez, 2001, p 125-154.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GOMES, N. L. Cultura negra e educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 75-85, maio/jun/jul/ago 2003.

NEIRA, M. G. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. **Motriz**, Rio Claro, v.13 n.3 p.174-180, jul./set. 2007.

SACRISTÁN, J. G.; GOMEZ, A. I. P. **Compreender e transformar o ensino**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SÁNCHEZ GAMBOA, S. A dialética na pesquisa em Educação: elementos de contexto. In: SANTOS, R. J. A questão étnico-racial nas escolas: como o professor interpreta o material didático referente às questões raciais e como o interpreta para os alunos. **Salesianos**, Belo Horizonte, p. 6-14, dez. 2013. Disponível em <<http://www.salesianos.br/wp-content/uploads/2013/12/a-questao-etnico-racial-nas-escolas.pdf>>. Acesso em 16 de mar. 2017.

SASSAKI, R. K. Como chamar pessoas que têm deficiência? In: SASSAKI, R. K., **Vida independente**: história, movimento, liderança, conceito, filosofia e fundamentos. São Paulo: RNR, 2003. p. 12-16.